

COISAS DA POLÍTICA

ROSENTHAL CALMON ALVES

Governo vai combater o fantasma do imobilismo

O fantasma que mais assusta o governo Itamar Franco é o do imobilismo, da falta de ações concretas para resolver os graves problemas do país. É claro que o presidente e seus principais colaboradores negam categoricamente que a atual administração esteja imobilizada. Reclamam da má vontade permanente da imprensa e citam uma série de atividades, principalmente no atendimento a questões sociais, como as de Previdência e Educação. Aparentam para a aprovação e a implantação do IPMF, para o plano contra a fome e outros programas.

Mesmo sem admitir o imobilismo, ministros reclamam que esta sensação de governo parado se deve ao inédito atraso de três meses no Orçamento da União. O Ministério do Bem-Estar Social, por exemplo, está deixando a inércia para começar programas de habitação e saneamento em numerosos municípios. Os ministros acrescentam que as dificuldades continuarão, pois o Orçamento veio amarrado, sem o contingenciamento, que permitia a realocação dos gastos.

Um subfantasma que está pairando cada vez mais nítido em Brasília é o de que toda essa calma oculta uma atividade mineiramente silenciosa de preparação de medidas econômicas de impacto. Até agora, o ministro Eliseu Resende se notabilizou pelo seu silêncio, quebrado apenas para desmentir rumores sobre eventuais pacotes. "Ministro da Fazenda não fala, a não ser que tenha algo para anunciar", diz ele, citando o exemplo de colegas de outros países, que raramente aparecem no noticiário.

O presidente chega a se irritar com as notícias de pacotes e acusa os especuladores. De fato, os boatos viraram instrumento de manipulação do mercado e, por isso mesmo, estão cada vez mais desacreditados. Não o suficiente, contudo, para impedir que cresça a expectativa de que o governo vá de fato tomar medidas ou mostrar uma linha econômica mais clara. Não vai aí nenhuma especulação, mas o simples exercício da lógica, pois esta é a ação previsível de um governo que precisa exorcizar o fantasma do imobilismo ou o subfantasma do pacote econômico.

O ministro do Trabalho, Walter Barelly, não tem hesitado em apontar um caminho para a política econômica, defendendo claramente uma mudança de rota nos conceitos ortodoxos e monetaristas que o país vem aplicando pela metade há anos, sem resultados satisfatórios. Outras figuras de peso dentro do governo, a começar pelo próprio presidente Itamar Franco, reivindicam a mesma coisa: trocar a atual política recessiva antiinflacionária pelos riscos de retomar o crescimento seletivamente, mesmo sabendo das previsões ortodoxas de que isso levará inexoravelmente a uma explosão inflacionária.

Barelly relançou o economista Ignácio Rangel, com suas teses que encaixam como a mão e a luva nesse

esforço de lançamento de uma política econômica diferente e mais clara. Na semana passada, o presidente Itamar Franco se entusiasmou com um dos governadores que lhe prestaram solidariedade ao ouvir um apelo para que determine uma política de juros mais baixos. "Falo isso há muito tempo, mas estou sozinho. Ninguém me dá ouvidos", respondeu Itamar, satisfeito com o comentário.

O presidente deve ter exagerado. Sozinho ele não está. Barelly e outros ministros concordam e acham que é chegada a hora de tomar alguma iniciativa para mudar o rumo do barco. E mudança de rumo não significa necessariamente uma guinada no timão, um pacote brusco e violento como os que tivemos antes. A lógica do presidente, que vai ganhando mais adeptos, é a de que não adianta ficar esperando o milagre da queda da inflação, enquanto se acumula um único resultado: recessão.

Os administradores de empresas costumam dizer que há três tipos de decisão: a certa, que é a melhor de todas; a errada, que é a segunda melhor de todas; e a indecisão, que é a pior, a mais nefasta, aquela que geralmente leva a empresa para o buraco. Administrar país não deve ser muito diferente. O governo tem de tomar decisões, mesmo que corra o risco de errar. Era certamente isso que o deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) queria dizer recentemente, ao revelar que sentia "saudades dos erros do governo Collor". E remendou logo: "Saudades dos erros de governo e não dos desvios de comportamento, que são coisa bem diferente."

Administrador com longa experiência no serviço público, engenheiro de boa formação e matemático preciso, o ministro Eliseu Resende não tem nada no seu currículo que o incline para a categoria dos indecisos. Tampouco o presidente Itamar Franco se enquadraria aí, mas ele já confessou a amigos que descobriu sua impossibilidade de impor sozinho a política econômica do país. Neste momento, Itamar depende dos ministros Eliseu Resende e Yeda Crusius e do presidente do Banco Central, Paulo César Ximenes, para que, em obediência às suas ordens, formulem uma política econômica clara e efetiva. Aprovada, essa política deve entrar em vigor imediatamente.

Para exorcizar o fantasma do imobilismo, o presidente não tem outra saída a não ser a de adotar uma política econômica clara. Ortodoxa ou heterodoxa, progressista ou retrógrada, esquerdista ou direitista. Não importa o rótulo ou se vem gradualmente ou via pacote. O que importa é a ação. E nos meios políticos de Brasília há hoje uma convicção de que estamos às vésperas de decisões importantes, capazes de enfrentar o fantasma da inação, que prejudica a imagem do governo.